UMA REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE RAÇA, GÊNERO E ENSINO PRESENTES NA OBRA "PRECIOSA"

Jéssica de Fátima Levandowski (CAPES)
Drª Marly Catarina Soares (Orientadora), e-mail: marlycs@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Área 8.02.00.00-1, Subárea 8.02.08.00-2

Palavras-chave: raça, gênero, ensino, Precious.

Resumo

Enxergando "Preciosa", de Sapphire, como uma obra complexa e repleta de possibilidades de reflexão, decidimos transformar uma leitura despretensiosa em uma análise. Buscamos compreender de que forma acontecem as relações de raça, gênero e ensino durante o enredo. Propomo-nos uma análise que demonstre como estas relações se estabelecem, sejam elas no seio familiar ou em seu exterior. Utilizando teorias que discorrem sobre estudos a respeito de identidade, gênero, raça, feminismo, feminismo negro, o poder libertador do ensino, etc, pretendemos demonstrar os impactos causados por uma vida de abusos sexuais e agressões físicas. Almejamos também observar como o ensino foi crucial no desenvolvimento da vida da protagonista. Para tanto, utilizamos como base teórica alguns autores importantes que discorrem sobre os temas citados acima, como Azerêdo (1994), Barbosa (2010), Collins (2017), Hall (2000), Hooks (2013) e Showalter (1994).

Introdução

Atualmente vivemos tempos em que os estudos a cerca dos temas gênero e raça estão aumentando gradativamente. O machismo e o preconceito racial são um dos fatores determinantes que incentivam cada vez mais a se pesquisar sobre os temas. Diante de uma obra que trata sobre o racismo e a subalternidade feminina de forma escancarada, foi impossível não aprofundar nossos estudos e partir para uma análise minuciosa das relações de gênero e raça. Há também outro aspecto bastante interessante que não pode deixar de ser referido, o ensino. Através dele a personagem da obra quebrou as correntes que a prendiam a uma vida de abusos sexuais e violência física e verbal. Utilizando autores que discutem sobre o feminismo e feminismo negro, como Azerêdo (1994), Barbosa (2010), Collins (2017), Hooks (2013) e Showalter (1994), aliadas a teorias sobre identidade, como Hall (2000), buscamos analisar como ocorrem as relações entre Precious e sua mãe Mary, seu pai Carl e seus colegas de escola.

Revisão de literatura

Um dos temas estudados por nós, foi o feminismo negro. Sobre ele, buscamos apoio em Barbosa (2010, p. 6), baseada em Carneiro (2003), que afirma ser "possível afirmar que um feminismo negro (…) tem como principal eixo articulador o racismo e o seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades." Também nos

pautamos em Azerêdo (1994), que afirma que o feminismo não deve ser um movimento totalitário justamente por conter nele individualidades que merecem atenção. Diante destas duas afirmativas, cremos que levar em consideração apenas a categoria “mulheres” e generalizá-la seria um equívoco para os militantes do feminismo negro, pois enxergam dentro do feminismo diferenças de raça e classe que acabam gerando opressão dentro do próprio movimento, dentre as mulheres participantes inclusive. Outra contribuição para o tema foi a de Showalter (1994, p. 24) que sintetiza, afirmando que o feminismo negro busca uma estética que trate da política sexual e racial concomitantemente.

Partindo dos estudos feministas, imaginamos ser importante também levar em consideração também a noção de Identidade trazida por Stuart Hall (2000) e compreender que além da identidade ser individual, ela também está sob rasura e que o exterior a constrói. Ou seja, não é possível “universalizar” sua essência, na verdade devemos entender que o conceito de identidade está intimamente ligado à existência das diferenças. Justificamos os estudos sobre identidade em nossa pesquisa pelo fato de encontrarmos uma personagem repleta de marginalidades: mulher, negra, mãe adolescente, obesa, analfabeta funcional, vítima de violência e pedofilia e portadora do vírus HIV.

Resultados e Discussão

Ao analisarmos a fundo a obra, observamos que o preconceito é um assunto chave a ser debatido, por isso está dentro do nosso primeiro eixo de pesquisa, questões de raça. Como primeiro tópico, estudamos um aspecto citado por Collins (2017, p 7) “A abordagem nacionalista negra também apoia uma superioridade moral negra sobre os brancos por conta do sofrimento negro.” Descobrimos que na obra em questão também há um sentimento de superioridade por parte da protagonista com relação a alguns personagens brancos (SAPPHIRE, 2014, p. 13). Ainda no mesmo eixo, centramos a pesquisa no preconceito racial que a protagonista sofre durante a obra. Para isso utilizamos o conceito de equidade proposto por Collins, “A equidade reside em proporcionar igualdade de oportunidades, direitos e respeito a todos os grupos.” (COLLINS, 2017, p. 9). Partindo desse princípio, observamos algumas situações em que Precious não estava no mesmo patamar que as demais pessoas, sendo subjugada, humilhada, constrangida. Já adolescente, nas primeiras páginas da narrativa, ela demonstra sua exclusão: “Eu sento na mesma carteira todo dia, no fundo, na última fila, perto da porta (...)” (SAPPHIRE, 2014, p. 12).

Outro eixo articulador em nosso trabalho é o de gênero e poder, abordando as relações que Precious mantinha com seus pais. Ela nos revela uma relação cheia de violência, ódio e abusos, advindos de sua mãe, desde a infância e, principalmente, quando teve o primeiro filho, aos 12 anos. Tudo se iniciou quando a garota tinha 3 anos de idade. Durante a relação sexual entre Mary e Carl, Precious estava na cama também. O pai resolveu acariciar intimamente a filha. Neste momento a mãe tenta impedir, mas não tem nenhuma reação. Percebendo que, forçosamente, Carl tentou penetrar em sua filha, Mary fica indignada não por ele ter tentado, mas sim por ter quase conseguido, justificando que a filha era bastante desenvolvida pra idade. O que nos leva a pensar que desde esse primeiro instante ela culpabiliza a filha pelos abusos sexuais cometidos por Carl, como se a garota tivesse noção ou alguma culpa pelo que estava havendo. Mary menciona que não queria Precious machucada, porém, enfatiza que o real motivo era não querer que “seu homem” se relacionasse com outra pessoa, o amor e o ciúme pelo marido eram maiores do que

o senso de proteção maternal. Por fim, ela não acredita ser culpada pelos anos de abuso, justificando que amava Carl e esse amor pode ter a tornado tão permissiva com relação aos estupros atentados contra a própria filha. (SAPPHIRE, 2014, p. 154-155). Após o nascimento de Monguinha, a primeira filha, Precious descobre que ela tem síndrome de Down. Mary usou da maternidade da filha como um investimento financeiro, não morava com a criança, mas mentia para receber auxílio financeiro. (SAPPHIRE, 2014, p. 29). A narradora nos confidencia que a mãe a "matou faz muito tempo (...)" (SAPPHIRE, 2014, p. 78), pois é dessa forma que ela se sente, morta para a mãe, sem importância. Claireece nos conta que, aos 12 anos, pode ter sido vítima de abuso sexual por sua mãe, enquanto estavam no sofá. (SAPPHIRE, 2014, p. 32).

No terceiro eixo buscamos discutir como a Educação funciona de maneira extraordinária na narrativa de Preciosa, levando a protagonista a uma reviravolta em sua história. Precious não se interessava por praticamente nada, bem como não tinha a atenção e cuidados da mãe. Sua vida era sobreviver aos abusos, às violências e esperar o próximo estupro ou a próxima surra. Já na primeira página da narrativa, ficamos sabendo que Preciosa reprovou dois anos na escola, atribuindo isto ao fato de ter sido abusada pelo pai. A protagonista foi "transferida" de escola, quando a direção descobriu sua segunda gravidez. Iniciando no projeto "Um Ajuda Um", sente-se emocionada, com vontade de chorar. Talvez por não saber o que lhe aguarda, tenha ficado insegura. (SAPPHIRE, 2014, p. 49). Relembrando os traumas da infância, ela enfatiza que: "Cara, ninguém faz ideia mas pra mim não é brincadeira estar nessa escola." (SAPPHIRE, 2014, p. 51), ela enxerga na escola uma possibilidade de aprendizado e crescimento que até então não teve. Durante as apresentações dos integrantes da turma, Precious ficou ansiosa enquanto ouvia as outras colegas, extremamente tímida e calada, não costumava falar em público, "Agora todo mundo tá me olhando. No círculo eu vejo todo mundo, todo mundo me vê. Sinto vontade de voltar pro fundo da sala por um segundo, depois penso nunca mais, prefiro me matar antes que isso aconteça." (SAPPHIRE, 2014, p. 58), a garota demonstra motivação para continuar, ainda que esteja com medo.

Muitas mudanças, após a Educação Alternativa, são possíveis se observar em Precious, uma delas está na questão de pertencimento. A adolescente reflete e conclui que "(…) desde que sentei no círculo notei que a minha vida toda, a minha vida toda eu tava fora do círculo. Mamãe me dando ordem, papai falando pornô comigo, a escola nunca me aprendeu." (SAPPHIRE, 2014, p. 76). Outro ponto positivo a ser elencado após a entrada da garota no projeto foi ter coragem para tomar atitudes, pedir ajuda. Diante do que observamos sobre a relação de Precious com a Professora Blue, encontramos consonância com o que afirma Bell Hooks (2013): "Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo." (p. 25).

Conclusões

Diante de "Preciosa", observamos uma obra bastante complexa e rica em possibilidades de reflexão. Sobre o primeiro eixo abordado, sobre questões raciais, percebemos não somente que a protagonista sofre com o preconceito racial, sendo ultrajada em diversos episódios por, inclusive, estranhos na rua. Mas também, que ela mesma carrega consigo um discurso de ódio com relação aos brancos a sua volta.

No eixo sobre gênero, observamos que Precious mantém uma relação abusiva com a mãe, tendo sua educação e integridade física, sexual e mental, negligenciada por Mary. Assim como é violentada, sexual e físicamente. Sofre abusos sexuais pelo próprio pai, além de também violência física caso não cooperasse. A subalternidade presentes nestas duas relações é evidente até certo ponto da obra.

No eixo com relação ao ensino, percebemos que a protagonista decide contar seus segredos e enfrentar a mãe a partir de seu conhecimento então adquirido, figurando como um fator crucial para a reviravolta no enredo, tendo função muito importante para os resultados que ocorrem em seguida.

Consideramos esta obra como uma representação de mulheres que sofrem violência física e sexual, porém que têm medo de denunciá-la, seja por ameaças, falta de entendimento ou mesmo por se culpar pelo que ocorre. Precious nos mostra que o inimigo pode estar dentro de casa e que há que se ter muita coragem para seguir adiante e deixar um passado tenebroso para trás.

Nos agregou muito conhecimento ao fazer esta pesquisa, podendo refletir e observar as relações de poder que estão escancaradas para o leitor.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização desta pesquisa.

Referências

AZERÊDO, S. Teorizando sobre Gênero e Relações Raciais. **Revista Estudos Feministas**, Ano 2, 2º semestre de 1994. p. 203-216.

BARBOSA, L. M. de L. Feminismo Negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro. **Fazendo Gênero 9**. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

COLLINS, P. H. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Tradução de Angela Figueiredo e Jesse Farrel. **Cadernos Pagu** (51), 2017:e175118.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 103-132.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SAPPHIRE. **Preciosa**. Tradução Alves Calado. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: **Tendências e Impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Heloísa Buarque de Hollanda (org.). R
i
o